N° 104

GOIÂNIA/GO
AGOSTO DE 2015
ANO 10

Canal JORNAL DA BIOENERGIA

WWW.CANALBIOENERGIA.COM.BR

Mala Direta Postal
Básica
9912258380/2010-DR/GO
Mac Editora
CORREIOS
DEVOLUÇÃO GARANTIDA
CORREIOS
REMETENTE
Caixa Postal 4116
A.C.F Serrinha
74823-971 - Goiânia - Goiás

E Ó FUTURO?

AS PERSPECTIVAS DOS SETORES DE ENERGIA LIMPA E RENOVÁVEL NOS PRÓXIMOS 10 ANOS

TRATORTEM
A Solução em Peças para seu Trator
62 4006-8888
Desde de 1998
www.tratortem.com.br

Alusolda
Aluguel de Máquinas de Solda
Solda Eletrodos - MIG - TIG
Corte a Plasma - Oxicorte
Venda de Consumíveis
Assistência Técnica
www.Alusolda.com.br 62 3250-0707

AGAPITO
• Manutenção e recuperação em placas trocadores de calor.
• Gaxetas (juntas de fluxo) todos os tipos e modelos.
• Industria de artefatos de borracha.
• Trocadores de calor a placas.
• Placas de reposição
(16) 3946-2130
www.agapitosoldas.com.br
www.agapitotrocadordecalor.com.br
SERTÃOZINHO-SP

AJEL SERVICE
A SOLUÇÃO COMPLETA EM MANUTENÇÃO
•MÁQUINAS E MOTORES •GERADORES •AUTOMAÇÃO
•TRANSFORMADORES •BOMBAS SUBMERSÍVEIS
Goiânia 62 3295-3188
Rio Verde 64 3622-1020
AJELSERVICE.COM.BR

Há cinco décadas trabalhando para que a vida nos canaviais sempre se renove de forma sustentável.
Visite nosso site e conheça a nossa linha completa de equipamentos www.dmb.com.br
DMB
A marca da cana
DMB a marca da Cana
ISO
Fone: 16 3946-1800

KIT DE COMBATE A INCÊNDIO ARGUS

PROTEGER OU NÃO PROTEGER?

A DECISÃO É SUA, O PREJUÍZO TAMBÉM.

KIT ARGUS PARA COLHEDORAS EM 2 VERSÕES

A ARGUS tem o kit de combate a incêndio mais moderno e versátil do mercado, em 2 versões aprovadas pela Factory Mutual.

KIT BÁSICO

Atuação manual pneumática em 2 pontos da colhedora (interno e externo).

KIT COMPLETO

Totalmente automático, com 3 modos de atuação: automática, manual elétrica e manual pneumática.

2 SOLUÇÕES NA MEDIDA DO SEU ORÇAMENTO

Proteja com o kit básico e faça o upgrade para o completo quando desejar.

ARGUS, UMA EMPRESA DE SOLUÇÕES.

ARGUS

Produtos e Sistemas contra Incêndio Ltda

www.argus-engenharia.com.br

ENTRE EM CONTATO E AGENDE UMA APRESENTAÇÃO TÉCNICA.

Matriz SP (19) 3826 6670 ***Belo Horizonte*** (31) 2519 5555

DESTAQUES

04 **ENTREVISTA**
Plínio Nastari, da consultoria Datagro, fala sobre crise e cenários futuros do setor sucroenergético

20 **CUSTOS**
Usinas sofrem as consequências dos elevados custos de produção nas áreas agrícola e industrial

25 **BIODIESEL**
Vísceras de peixes são novidade como matéria-prima para fabricação do biocombustível

CARTA DO EDITOR

UMA DÉCADA DE TRABALHO COM MUITA ENERGIA

Mirian Tomé
editor@canalbioenergia.com.br

Parece que foi ontem, mas já se passaram 10 anos. O Canal-Jornal da Bioenergia fez toda essa trajetória com uma atuação profissional marcada pelas boas práticas do jornalismo. Procuramos sempre fazer uma cobertura confiável para que os temas abordados em nossas edições cumprissem os preceitos de informar bem e com ética.

Foi uma década em que os setores de energia limpa e renovável tiveram desempenhos que oscilaram muito. No caso das usinas que produzem etanol e açúcar, a situação foi do extremamente positiva ao quase completo caos. O setor sucroenergético começa a reagir, mas ainda lentamente e sem garantias de regras claras por parte do governo federal, quanto ao papel que o etanol e a bioeletricidade vão ter na Matriz Energética Brasileira.

10 ANOS
DO CANAL – JORNAL DA BIOENERGIA

Já os setores de energia eólica, solar e de produção de biodiesel, tiveram novo fôlego nos últimos anos e seguem com perspectivas positivas. Ainda existem vários entraves, mas o grande potencial dos ventos e do sol no Brasil justificam até mesmo um certo otimismo.

O Canal, Jornal da Bioenergia segue com a missão de noticiar o que de mais relevante acontece na área das energias limpas e renováveis. Que a próxima década seja de bons ventos e de muita energia para nosso desenvolvimento. A gente acredita num futuro repleto de boas notícias.

Até a próxima edição.

Canal JORNAL DA BIOENERGIA é uma publicação da MAC Editora e Jornalismo Ltda. - CNPJ 05.751.593/0001-41

Diretora Editorial: Mirian Tomé DRT-GO-629 - editor@canalbioenergia.com.br I **Gerente Administrativo:** Patrícia Arruda - financeiro@canalbioenergia.com.br I **Atendimento comercial:** Tatiane Mendonça - comercial@canalbioenergia.com.br I **Reportagem:** Cejane Pupulin, Ana Flávia Marinho e Mirian Tomé I **Direção de arte:** Fernando Rafael Salazar - arte@canalbioenergia.com.br I **Contato comercial:** (62) 3093-4082 / 4084 - comercial@canalbioenergia.com.br I **Banco de Imagens:** UNICA - União da Agroindústria Canavieira de São Paulo: www.unica.com.br; SIFAEG - Sindicato da Indústria de Fabricação de Álcool do Estado de Goiás: www.sifaeg.com.br I **Redação:** Av. T-63, 984 - Conj. 215 - Ed. Monte Líbano Center, Setor Bueno - Goiânia - GO- Cep 74 230-100 Fone (62) 3093 4082 - Fax (62) 3093 4084 I Distribuição para as usinas sucroenergéticas, de biodiesel e cadeias desses segmentos I **Impressão:** Oitoene Gráfica – oitoenegrafica@gmail.com I CANAL, o Jornal da Bioenergia não se responsabiliza pelos conceitos e opiniões emitidos nas reportagens e artigos assinados. Eles representam, literalmente, a opinião de seus autores.

É autorizada a reprodução das matérias, desde que citada a fonte.

ACESSE AS EDIÇÕES ANTERIORES

Baixe o leitor de QR Code no seu celular e acesse todas as edições do Canal, Jornal da Bioenergia.

O CANAL é uma publicação mensal de circulação nacional e está disponível na internet nos endereços: www.canalbioenergia.com.br e www.sifaeg.com.br

2015: ANO DE TRANSIÇÃO

Cejane Pupulin

Plínio Nastari é mestre e doutor em economia agrícola pela universidade americana, Iowa State University. Nos últimos anos, tem se dedicado à coordenação dos trabalhos de sua equipe na Datagro, com clientes em 41 países. Foi professor na Fundação Getúlio Vargas (FGV), de São Paulo durante 17 anos. Desde 1978, acompanha as diferentes fases do desenvolvimento do setor sucroenergético. Em consultorias para o governo federal, atuou como membro de grupos técnicos em áreas relacionadas ao planejamento energético, mudanças climáticas, desregulamentação, integração e disputas comerciais. Foi o economista responsável pelas disputas envolvendo açúcar, bananas e pneus na Organização Mundial do Comércio (OMC), e etanol na Corte Internacional do Comércio, em Washington.

CANAL: Que avaliação o senhor faz da crise no setor sucroenergético?

O setor sucroenergético continua sendo um dos mais importantes e estratégicos para a economia brasileira. Em maio, o etanol representou 44,2% do consumo de combustíveis do ciclo Otto (gasolina mais etanol), em gasolina equivalente. Embora os EUA estejam produzindo aproximadamente o dobro do volume de etanol do Brasil, em termos relativos o etanol substitui apenas 9,6% do consumo de combustível do ciclo Otto. O efeito multiplicador do setor na economia do interior continua enorme, e não fosse pelo esforço realizado por este setor o Brasil estaria importando volumes absurdos de gasolina, comprometendo ainda mais a balança comercial.

Apesar desta importância, o setor continua ameaçado a nível doméstico pela falta de clareza e transparência na definição do preço da gasolina e do estabelecimento de um mecanismo que permita o seu convívio econômico em termos sustentados a médios e longos prazo.

Internacionalmente, o setor também sofre com a competição desleal de outros países produtores que subsidiam suas produções, e consumidores que fecham seus mercados a livre competição.

CANAL: A situação ainda é crítica?

O ano de 2015 dever ainda ser um ano de transição. Os estoques mundiais de açúcar continuam elevados, e a desaceleração da economia brasileira está diminuindo o ímpeto do consumo de combustíveis e energia elétrica. De outro lado, os custos continuam crescendo, pelo aumento nos salários, e o custo de insumos importantes como os fertilizantes e o diesel. Um indicador da crise é o tamanho do endividamento do setor, estimado atualmente em cerca de 75 bilhões de reais.

CANAL: Há previsão de dias melhores?

Houve progresso em algumas áreas. A eficiência da colheita mecanizada tem evoluído gradualmente, assim como a eficiência global da indústria.

PLÍNIO NASTARI: a desaceleração da economia brasileira está diminuindo o ímpeto do consumo de combustíveis e energia elétrica

Datagro

A principal correção foi da taxa de câmbio. Pela importância do Brasil no mercado mundial, o preço do açúcar caiu em dólares. Outros competidores, como Índia e Tailândia, não acompanharam a desvalorização do real, e no médio prazo vão sentir o efeito da perda de competitividade com o Brasil. O real em nível mais realista também obriga que o preço da gasolina precise acompanhar a realidade do mercado, que vai se encarregar de trazer dias melhores. Mas o processo poderia ser menos penoso, e mais eficiente se a política pública para o setor de combustíveis levasse em conta um planejamento melhor.

CANAL: Existe algum caminho que os usineiros devem trilhar para superar essa crise?

Sim: controlar custos, ter austeridade nos seus gastos e investimentos, recuperar a produtividade agrícola, e tomar decisões estratégicas nas áreas comerciais e na diversificação da atividade.

CANAL: O país enfrenta uma grave crise econômica. O setor sucroenergético também sofre com essa conjuntura?

Foi muito afetado. Um setor estratégico como é o de açúcar e etanol, que compete com um setor controlado pelo governo, depende de uma visão forte de reconhecimento do seu valor e de interesse no seu desenvolvimento no longo prazo. As crises econômica e política tornam mais difíceis as tomadas de decisões importantes de recuperação de preços.

CANAL: Qual o impacto do aumento da mistura de etanol anidro à gasolina em 2015? E quais outras medidas são importantes para o setor?

Todo o resto constante, o aumento no consumo de anidro seria de 1,1 bilhão de litros por ano. No entanto, o aumento no consumo de etanol hidratado e a redução do crescimento no consumo de combustível do ciclo Otto podem levar a uma situação em que o consumo de etanol anidro não sofra muita alteração em relação ao ano passado. A competitividade do etanol em relação à gasolina pode melhorar com recuperações adicionais no valor das

Contribuições de Intervenção no Domínio Econômico (Cide), que em termos reais só recuperou metade do seu valor real quando começou a ser reduzida em 2008, e alterações no regime de ICMS como as observadas em São Paulo e Minas Gerais.

CANAL: A alta do dólar e os juros elevados representam alguma dificuldade adicional para o setor?

A desvalorização do real é, a médio e longo prazo, benéfica para o setor, mas a alta dos juros impacta enormemente o setor, em especial devido ao seu nível de endividamento é hoje elevado.

CANAL: O reajuste da gasolina, o aumento da adição de etanol e a volta da Cide ajudam na recuperação do setor?

Ainda é necessário que ocorram reajustes no preço da gasolina. Na semana de 26 de julho, a defasagem de preço era de 14,3%.

CANAL: O resultado da última safra de cana, que somou 571,34 milhões de toneladas segundo a Unica, foi satisfatório?

Tendo em vista a intensidade da seca observada em 2014, este número foi uma vitória. Mas poderia ter sido muito melhor. É preciso reconhecer que este volume inclui um contingente importante de impurezas minerais e vegetais. A soma destas impurezas se aproxima de 10% do volume de cana que chega à esteira das usinas e é pago como se fosse cana.

Plínio Nastari acredita que o preço da gasolina no Brasil ainda precisa ser reajustado para diminuir ainda mais a defasagem diante do mercado externo

CANAL: As perspectivas da Unica para a safra 2015/2016, que indicam uma moagem de 590 milhões de toneladas, representam a realidade do setor?

A nossa estimativa de moagem no Centro-Sul é de 591 milhões de toneladas de cana, portanto está alinhado com esta avaliação. Estamos prevendo um mix de produção bem mais alcooleiro este ano.

SENAR EM AÇÃO

PRODUÇÃO DE ÓLEO VEGETAL PARA BIODIESEL: O CERRADO GOIANO EM DESTAQUE

A implantação de um novo programa energético mundial está ligada à disponibilidade de combustíveis tradicionais e a possibilidade de produção de novas fontes renováveis. Este cenário está diretamente relacionado aos benefícios sociais gerados decorrentes do alto índice de geração de empregos por capital investido, promoção do trabalhador rural, valorização das propriedades e mão-de-obra qualificada para o beneficiamento dos óleos.

De acordo com a Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP), em 2013, 75% do biodiesel produzido é oriundo de óleo de soja, 19% de sebo bovino, 2% de óleo de algodão e os outros 4% são das demais oleaginosas. A produção anual de biodiesel avançou de 736 metros cúbicos em 2005 para 2,4 milhões de metros cúbicos em 2013.

O Centro-Oeste brasileiro é a região com maior participação na produção de biodiesel, representando 42% da produção nacional. Goiás assumiu em 2011 a liderança na produção de biodiesel. O estado permanece nessa posição até o presente, sendo responsável por 47,7% e 20% das produções da região Centro-Oeste e do Brasil, respectivamente.

Os óleos vegetais aparecem como uma alternativa para substituição ao óleo diesel em motores de ignição por compressão. Porém, se faz necessário a transesterificação com etanol ou metanol, para a obtenção do biodiesel, cujas propriedades são similares às do óleo diesel. Como combustível, o biodiesel apresenta algumas vantagens sobre os combustíveis derivados do petróleo, principalmente por ser proveniente de fonte renovável.

Fatores geográficos, climáticos e socioeconômicos determinam o óleo vegetal de maior interesse para a produção do biodiesel. Assim, o Engenheiro Agrônomo do Senar Goiás, Leonnardo Cruvinel Furquim desenvolveu um trabalho com o objetivo comparar a porcentagem de óleo, massa do órgão vegetal, que originou o óleo, e produtividade média anual em quilos, do órgão originário por planta, em oito espécies comuns ao Cerrado goiano.

As espécies selecionadas são plantas nativas, espontâneas e/ou cultivadas no bioma Cerrado. A coleta e as análises químicas foram realizadas no município de Rio Verde (GO), no Instituto Federal Goiano – Câmpus Rio Verde em diferentes meses do ano.

Entre as espécies selecionadas, identificou-se que a monguba como a mais promissora das espécies para a produção de biodiesel. Seguindo em ordem decrescente de importância as espécies estão: barú, buriti, macaúba, caju-de-árvore-do-cerrado, jerivá, bacuri e fava de sucupira.

Para Furquim, com um aumento em 2014 de 6% do valor do biodiesel vendido nos leilões da ANP, em relação a dezembro de 2013, o mercado da produção de óleo vegetal é evidentemente atrativo e viável no âmbito econômico e social, além de ambientalmente correto na redução do consumo de combustíveis derivados de fontes esgotáveis, como o petróleo. E nesse mercado, os produtores goianos apresentam destaque na produção atual, com um diferencial da variedade de fontes de matérias-primas encontradas no Cerrado, como a Monguba.

A Faeg possui duas comissões relacionadas com a produção de grãos e de biocombustíveis: Comissão de Cereais, Fibras e Oleaginosas e Comissão de Cana-de-açúcar e Bioenergia.

LEILÃO DE ENERGIA: EÓLICA E SOLAR TÊM 1.379 PROJETOS CADASTRADOS

A Empresa de Pesquisa Energética (EPE) divulgou que o segundo leilão de energia de reserva , marcado para 13 de novembro, terá 1.379 projetos. Desse total, 730 empreendimentos são de energia eólica e 649 de energia solar fotovoltaica. O total oferecido soma 38.917 megawatts (MW) em capacidade instalada. É um recorde de projetos de energias renováveis. O Estado da Bahia é o que tem maior número de projetos: 243 de energia eólica e 192 de geração solar, totalizando 12.099 MW. Depois, vem o Rio Grande do Norte, com 184 projetos eólicos e 97 de energia solar, com total de 7.648 MW. Na sequência estão os Estados do Piauí, com 4.242 MW (89 projetos fotovoltaicos e 46 eólicos), o Ceará (3.324 MW, sendo 95 projetos de energia eólica e 34, solar) e o Rio Grande do Sul (2.365 MW, 107 projetos só de energia eólica). No caso da energia solar, os destaque são os estados de Minas Gerais (1.974 MW), São Paulo (1.937 MW), Pernambuco (1.625 MW) e do Tocantins (1.148 MW).

CONGRESSO INTERNACIONAL DE BIOENERGIA PREMIA TRABALHO SOBRE SORGO SACARINO

O trabalho "Perfil de acúmulo de sacarose, glicose e frutose ao longo do período de maturação para cultivares de sorgo sacarino", de autoria da professora Gislaine Fernandes, ganhou o prêmio "Destaque Trabalho Técnico 2015" no "10º Congresso Internacional de Bioenergia". O evento aconteceu em julho, em São Paulo. A pesquisa foi coorientada pelo pesquisador da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), Rafael Augusto da Costa Parrela, e é parte da tese de doutorado que a professora concluiu no final de 2014. "Esta premiação é importante para a divulgação dos resultados de pesquisa das cultivares de sorgo sacarino da Embrapa e demonstra o potencial do sorgo para a produção de etanol", ressalta Rafael Parrela, que integra a equipe do Núcleo de Recursos Genéticos da Embrapa Milho e Sorgo, de Sete Lagoas-Minas Gerais (MG). Os trabalhos foram realizados em Ituiutaba-MG, onde foi avaliado o perfil de acúmulo dos açúcares (sacarose, glicose, frutose) durante o período de maturação das cultivares BRS 506, BRS 508, BRS 509 E BRS 511 desenvolvidas pela Embrapa Milho e Sorgo.

O FUTURO DO ETANOL 2G NO BRASIL

A Raízen inaugurou em Piracicaba (SP) a sua primeira planta de etanol 2G, produzido com bagaço da cana-de-açúcar. Com essa usina, a empresa terá aumento de mais de 50% na produtividade, sem precisar ampliar a área de plantio de cana, chegando a 290 litros de combustível por tonelada de matéria seca. A unidade de Piracicaba foi construída em uma área de 30 mil metros quadrados e tem capacidade para produzir 42 milhões de litros por ano. É a primeira no país destinada exclusivamente para a produção desse tipo de combustível. Foram investidos R$ 237 milhões e parte dos recursos são do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). Na safra de 2014/2015, a usina do etanol 2G, que começou a operar em novembro do ano passado em fase de testes, produziu cerca de 1 milhão de litros de do biocombustível.

A Raízen produz anualmente cerca de 2 bilhões de litros de etanol comum (de primeira geração) e comercializa perto de 22 bilhões de litros de combustíveis por ano (25% do mercado brasileiro).

Além da planta da Raízen, existem unidades produtoras do etanol de segunda geração também em São Manuel (SP) e São Miguel dos Campos (AL), mas as usinas não produzem exclusivamente o combustível. As três usinas terão capacidade para produzir 127 milhões de litros do combustível por ano.

Até o ano de 2014 , um total de oito usinas de etanol de segunda geração vão estar em operação no Brasil, totalizando investimentos R$ 2,5 bilhões.

BIOCOMBUSTÍVEIS CHEGAM A 17% DA MATRIZ DE TRANSPORTES DO PAÍS EM 2014

A Resenha Energética Brasileira, produzida pelo Ministério de Minas e Energia (MME), divulgada em julho, mostrou que a participação da bioenergia (etanol e biodiesel) na matriz de transportes brasileira em 2014 atingiu 17,6%. O resultado é cinco vezes superior ao verificado nos países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), de apenas 3,6%. Segundo o relatório, esse percentual é 44 vezes superior à fatia de 0,4% verificado nos demais países, fora da OCDE. A produção de biodiesel, no acumulado do ano até maio, atingiu 1.609 mil m^3, um acréscimo de 28,4% em relação ao mesmo período de 2014. Apenas em maio, a produção foi de 339 mil m^3. O Ministério de Minas e Energia atribui esse crescimento a adoção de maior percentual de biodiesel no diesel convencional, iniciada em novembro de 2014. A capacidade instalada de produção de biodiesel foi de 7.349 mil m^3/ano.

A Guarda Segurança e Vigilância é especialista em proteger seu patrimônio com atuação em centros urbanos e em propriedades rurais.

GUARDA VIGILÂNCIA

WWW.GUARDAVIGILANCIA.COM.BR

TRABALHO COMPLETO DE **VIGILÂNCIA**, ASSEIO E **CONSERVAÇÃO** EM **AGROINDÚSTRIAS**, INCLUINDO **USINAS** PRODUTORAS DE ETANOL E AÇÚCAR.

ROSEMÁRIO P. CASTRO MM .·.
GERENTE COMERCIAL (62) 9944-8337

MARCOS VINÍCIUS BUENO MM .·.
GERENTE ADMINISTRATIVO (62) 9637-7377

AV. GRAÇA ARANHA, QD. 36, LT. 05 C-01 - JARDIM NOVA ERA. CEP: 74.916-070 - APARECIDA DE GOIÂNIA - GOIÁS
FONE: 62 3085-3434 | E-MAIL: COMERCIAL@GUARDAVIGILANCIA.COM.BR

Eficiência

É o que você espera de uma empresa de serviços.

- Limpeza geral leve e pesada
- Limpeza hospitalar
- Limpeza de pisos em geral / remoção de ceras e tratamento de piso
- Limpeza de móveis em geral
- Limpeza de vidros e espelhos
- Limpeza de azulejos
- Limpeza de divisórias
- Higienização de ambientes (banheiro)
- Limpeza de fachadas (trabalho em altura – Rapel)
- Limpeza de áreas verdes (jardinagem) - serviços de manutenção, capina, corte de grama, varrição, plantio de flores sazonais, dentre outros.

NORTE SUL

SOLUÇÕES PARA SUA EMPRESA

LIMPEZA - CONSERVAÇÃO - COPA
PORTARIA - RECEPCIONISTA - JARDINAGEM

ROSEMÁRIO P. CASTRO MM .·.
GERENTE COMERCIAL (62) 9944-8337

MARCOS VINÍCIUS BUENO MM .·.
GERENTE ADMINISTRATIVO (62) 9637-7377

ENDEREÇO: RUA SÃO JORGE - S/N QD. 80, LT. 02 - SETOR JARDIM LUZ APARECIDA DE GOIÂNIA - GO. **FONE: (62) 3277-7116 | COMERCIAL@NORTESULLIMPEZA.COM.BR**

10 ANOS
DO CANAL – JORNAL DA BIOENERGIA

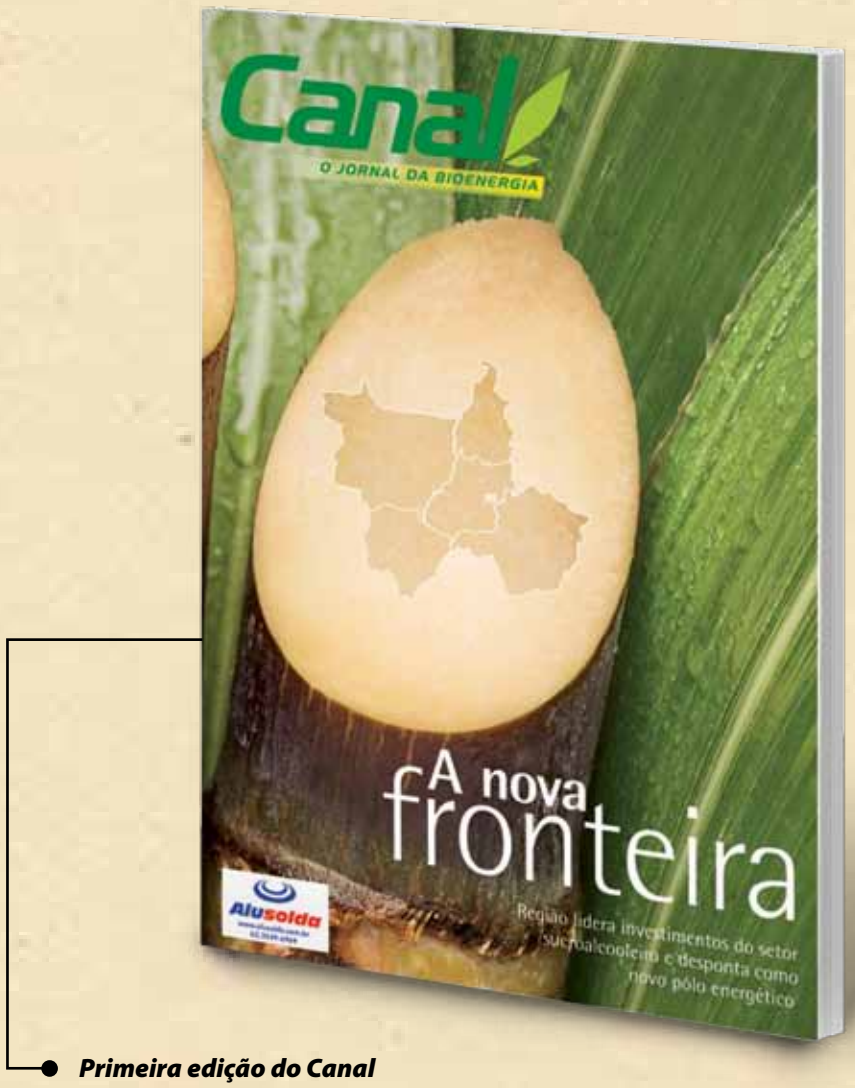
UMA DÉCADA RETRATANDO OS AVANÇOS E AS DIFICULDADES DO SETOR **DE ENERGIAS RENOVÁVEIS**

Ana Flávia Marinho

Em 10 anos já contamos muitas histórias. O setor sucroenergético foi foco de nossa cobertura desde a primeira edição. Já os segmentos de energia eólica, solar e de biodiesel foram sendo incorporados ao longo desse período. Com um projeto gráfico de vanguarda, que nasceu no momento em que o mundo inteiro voltou os olhos para as energias renováveis, o Canal – Jornal da Bioenergia vem destacando as principais informações desses setores.

Sempre participando dos principais eventos nacionais, tanto com cobertura quanto circulação, passamos a ser uma fonte confiável de pesquisa e informação. Hoje, somos o único jornal do Centro-Oeste que traz assuntos tão abrangentes, contemplando as mais diversas fontes de energia limpa e renovável.

Para marcar a data, fizemos um balanço dos principais acontecimentos do segmento energético nos últimos dez anos e uma perspectiva para a próxima década.



Primeira edição do Canal

SUCROENERGÉTICO

Goiás é hoje o 2° maior produtor de cana-de-açucar e de etanol do país e 4° maior produtor de açúcar. O governador do Estado de Goiás, Marconi Perillo, comentou durante o Ethanol Summit 2015, que em 1999 havia apenas 12 usinas no Estado, com quase nenhum destaque na produção nacional de etanol e açúcar.

"Foi então, que nos aproximamos do setor produtivo e definimos juntos uma série de medidas de competitividade. Editamos leis, facilitamos crédito e desoneramos ICMS para conduzir o crescimento do setor. O resultado veio a contento: o número de usinas em Goiás mais que triplicou e nossa produção cresceu 10 vezes nos últimos 15 anos."

Hoje, são 37 usinas moendo cana em solo goiano. "Goiás é o Estado que mais cresce em área plantada de cana e em volume de produção do biocombustível. A cadeia produtiva da cana gera cerca de 100 mil postos de trabalho e a produção já é maior que toda a produção da Região Nordeste. Temos ainda perspectivas de avançar no portfólio de produtos da chamada nova fronteira do etanol: mais usinas produzindo a agroenergia ou bioeletricidade e a produção de álcool para finalidades químicas mais nobres, ou de diesel a partir da cana", analisa Perillo.

André Rocha, presidente do Fórum Nacional Sucroenergético e do Sifaeg/Sifaçúcar, comenta que na última década o setor sucroenergético teve um crescimento acentuado em todo País. "No entanto, de 2011 pra cá as empresas do setor sofreram grandes prejuízos. Houve fechamento de unidades produtoras de açúcar e etanol, bem como empresas do segmento que entraram em recuperação judicial ou declararam falência, gerando desemprego, fechamentos de lojas de insumos e máquinas agrícolas e de demais segmentos da cadeia produtiva."

No Estado de Goiás, a crise foi um pouco menor, se comparada com São Paulo e Minas Gerais. "Apesar dos incentivos governamentais existentes em Goiás manterem o Estado em uma situação menos grave, as empresas daqui também sofreram e ainda sofrem com a crise. Temos quatro unidades que estão em recuperação judicial, e duas optaram por não realizar a safra neste ano, pois não queriam correr o risco do prejuízo" ressalta. André cita também a capacidade que as usinas possuem para cogerar energia utilizando o bagaço da cana. "Nesse contexto atual de crise de energia, nosso setor tem condições de, em dois ou três anos, colocar no mercado o correspondente a uma Itaipu com o retrofit. Isso é sem dúvida um fator altamente positivo para as usinas" afirma.

Em meio a esse cenário difícil, o retorno da CIDE, aumento da mistura do etanol anidro na gasolina e os leilões específicos para energia proveniente de biomassa, deram certo alento para as empresas em todo o país. "Porém, precisamos de outras políticas públicas para o setor crescer novamente", diz o executivo. Rocha acredita que o governo federal precisa estar atento ao endividamento do setor para dar sobrevida às empresas. "É possível promover incentivos de créditos para que usinas possam ampliar a produção e investir em pesquisas e tecnologia por meio de políticas públicas, oferecendo condições de melhoria da produtividade. Apesar das dificuldades, nosso olhar para o futuro é de esperança. Nosso setor tem potencial para alavancar cada vez mais o desenvolvimento brasileiro. Basta que as medidas governamentais venham logo."

Marconi Perillo , governador de Goiás, comemora o fato dos incentivos fiscais terem ajudado o estado a se tornar o 2º maior produtor de etanol e de cana-de-açúcar do Brasil

André Rocha, presidente do Fórum Nacional Sucroenergético e do Sifaeg/Sifaçúcar

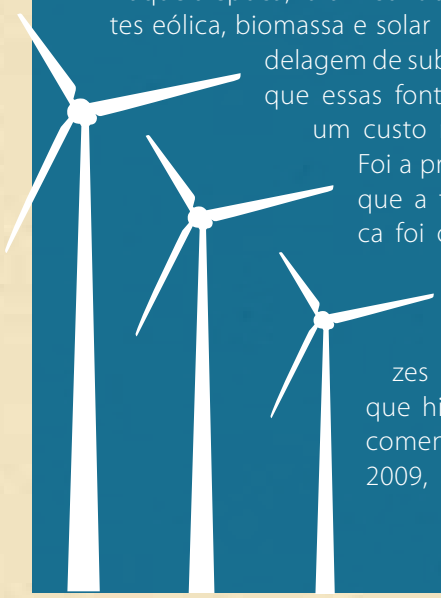
A bioeletricidade é um produto cada vez mais promissor para as usinas. Em 2005, a capacidade instalada no setor sucroenergético era de 1.755 MW. Hoje, o Brasil tem um total de 10.152 MW de capacidade instalada, ou seja, entre 2004 e 2015, houve um incremento de 8,4 mil MW, o equivalente a 60% de uma Usina Itaipu, segunda maior geradora do mundo.

Zilmar de Souza, gerente de Bioeletricidade da União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica), avalia que em termos de geração de energia efetiva para a rede elétrica, a evolução e o desempenho também foram significativos. "Em 2014, o total gerado para a rede foi de 19,4 TWh, representando um aumento de 18,3 TWh no período 2005/2014, o equivalente a 46% do que a usina Belo Monte irá gerar anualmente quando estiver operando plenamente", exemplifica. Apesar deste desempenho, há grande preocupação com o futuro da bioeletricidade na matriz energética do País. Em 2010, a fonte biomassa chegou a instalar 1.750 MW, mas em 2015 a previsão é que a fonte seja responsável por apenas 533 MW, ou seja, apenas 30% do que foi instalado em 2010. "A média de acréscimo de potência prevista entre 2016 e 2018 é mais preocupante ainda: somente 210 MW por ano. O indicador mostra uma capacidade produtiva que precisa ser estimulada. Tudo isso só será possível com uma política setorial clara de longo prazo, que irá incitar a produção de bioeletricidade em conjunto com o etanol", adianta.

ENERGIA EÓLICA

A presidente executiva da Associação Brasileira de Energia Eólica (ABEEólica), Elbia Gannoum, relembra que em 2004 o governo brasileiro regulamentou o Programa de Incentivo às Fontes Alternativas de Energia Elétrica (Proinfa). Essa foi a primeira vez que se contratou as fontes renováveis complementares.

"O leilão aconteceu em 2004 e 2005. Naquela época, foram contratadas fontes eólica, biomassa e solar numa modelagem de subsídio, porque essas fontes tinham um custo muito ato. Foi a primeira vez que a fonte eólica foi contratada no Brasil - era seis vezes mais cara que hidrelétrica", comenta. Em 2009, aconteceu o primeiro leilão competitivo da fonte eólica, já sem subsídios, no qual foram acordados preços cerca de 50% mais baixos que no Proinfa.



De acordo com Elbia, esse avanço só foi possível porque a energia eólica evoluiu bastante, além do aprendizado que o Brasil teve em termos de produção. "Foi isso que nos permitiu participar de um leilão a preço competitivo", afirma.

No ano de 2011, a fonte eólica foi a segunda mais competitiva do Brasil e de 2009 até hoje, 50% da energia contratada no Brasil é de fonte eólica. Nos últimos cinco anos, 14 gigawatt (GW) foram contratados. "O Brasil descobriu que tem os melhores ventos do mundo e por isso consegue produzir a fonte mais barata do planeta. Por isso a fonte eólica passou a ser importante na matriz brasileira. Hoje, estamos com 6.8 GW instalados operando. Vamos encerrar o ano com 9.8 GW instalados", diz Elbia.

O Brasil foi o quarto país que mais investiu em fonte eólica em 2014 e foi considerado o segundo mais atrativo para energia eólica, ficando atrás somente da China. Élbia é otimista quanto aos próximos anos. "Nossa perspectiva futura é das melhores possíveis. O Brasil é renovável por definição. Pela escassez da hidrelétrica, o Brasil vai tentar uma matriz elétrica diversificada futuramente." Além de se tratar de uma matriz sustentável do ponto de vista ambiental, Élbia ressalta que a diversidade de fontes elétricas também é interessante para o País.

Não só de bons ventos deve ser o futuro. O principal desafio a ser enfrentado está relacionado à implantação da cadeia produtiva e equipamentos. É preciso garantir transmissão para os próximos leiloes. "Precisamos garantir que esses leilões de transmissão saiam a tempo para que a gente consiga implementar os parques. Precisamos de periodicidade dos leilões de transmissão" finaliza.

BIODIESEL

Em 2015, o Programa Nacional de Produção e Uso do Biodiesel (PNPB) está completando 11 anos e o Brasil já ocupa a segunda posição como maior produtor de biodiesel no mundo. "A ampliação do mercado brasileiro de biodiesel, viabilizada pela evolução do PNPB, vem mudando a economia agrícola e contribuindo para melhorar a estrutura socioeconômica em todas as regiões do País", diz o presidente do Conselho Superior da União Brasileira do Biodiesel e Bioquerosene (Ubrabio), Juan Diego Ferrés.

Atualmente, de acordo com Ferrés, o PNPB adquire a produção de mais de 250 mil agricultores familiares, triplicando a renda média desses mesmos agricultores em cinco anos e reduzindo o custo de produção de alimentos, ao integrar parte dessa produção agrícola à criação de gado, suínos e aves. "Além disso, estimamos que, em 2015, 800 mil toneladas de resíduos agropecuários serão transformadas em energia, proporcionando um uso nobre para o sebo bovino e óleo residual, eliminando formas de descarte inadequadas que contaminavam o solo e os cursos de água, por exemplo."

Julio Cesar Minelli, diretor-superintendente da Associação dos Produtores de Biodiesel do Brasil (APROBIO), também aponta o PNPB como um dos principais avanços dos últimos 10 anos. Ele relembra que o sucesso do programa foi tanto, que os empresários, acreditando na sua expansão continuada, investiram cerca de R$ 4 bilhões para construir um parque fabril de mais de 60 usinas, gerando mais de 100 mil empregos diretos.

Férres acredita que o Biodiesel é "o 'pré-sal verde' do Brasil". Segundo ele, o PNPB vem mostrando sua capacidade de captar as potencialidades regionais e transformá-las em desenvolvimento do agronegócio, da pesquisa e inovação e, especialmente, no âmbito da agricultura familiar, além do estímulo à interiorização da indústria.

Desde julho de 2013, o preço do biodiesel no País tornou-se competitivo com o preço internacional do diesel de petróleo. Já em 2015, o biodiesel tem sido significativamente mais barato que o combustível fóssil consumido no Brasil. "Em dez anos, avanços tecnológicos e economia de escala reduziram em cerca de 40% o seu custo", comemora Férres.

Combinados a isso, estão os benefícios ambientais e de saúde pública resultantes da redução de emissões de poluentes e gases do efeito estufa provenientes do diesel fóssil. Por ser isento de enxofre e reduzir significativamente a emissão de material particulado, a adição de biodiesel no diesel fóssil evita transtornos causadas pela poluição do ar. Com o B7, vigente no Brasil desde novembro de 2014, aproximadamente 9 milhões de toneladas de CO_2 deixam de ser lançadas na atmosfera, anualmente, o que equivale ao plantio de cerca de 50 milhões de árvores.

Minelli diz que o Brasil é o segundo maior produtor mundial do combustível renovável, com o aumento da mistura para 7% no ano passado. A produção projetada para 2015 é de 4,2 bilhões de litros. Até dezembro próximo, o país terá produzido algo em torno de 21,6 bilhões de litros no acumulado desde que começou a atividade, em janeiro de 2005. "Só de 2008 a 2011, quando a mistura passou de 2% para 5%, a atividade agregou R$ 12,5 bilhões ao Produto Interno Bruto do Brasil e economizou R$ 11,5 bilhões em importações de óleo diesel na balança comercial." Juan Ferrés aponta que as próximas ações do setor devem estar pautadas no objetivo comum de garantir à sociedade melhoria da qualidade do ar, gerar bem estar e cooperar para o futuro sustentável, com ações baseadas na inovação e no conhecimento, assim como as decisões do governo, da sociedade e do setor produtivo.

Com relação aos desafios, Minelli considera que foram muitos no caminho da consolidação do setor. "Um dos principais, com certeza, foi a superação da fronteira tecnológica para atingir uma qualidade de padrão internacional, em atendimento a critérios de especificidade técnica dos mais rigorosos do mundo, superiores aos da Europa, estabelecidos pela Agência Nacional de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis."

Assim, o biodiesel brasileiro é, segundo Minelli, um dos melhores do mundo, atendendo, inclusive, mercados europeus em exportações experimentais que algumas empresas fizeram no ano passado, mesmo sem uma política de exportação, que privilegie a agregação de valor.

A Ubrabio defende um novo Marco Regulatório do Biodiesel, garantido previsibilidade de mercado para balizar as decisões da indústria. A entidade também está empenhada na consolidação da Plataforma Nacional de Biorrefinarias Integradas (Plataforma BioBrasil), no âmbito do Programa Nacional de Plataformas do Conhecimento, sob o comando do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, e na estruturação de plataformas regionais de bioquerosene, bem como da Plataforma Nacional de Bioquerosene. "Esse é o caminho que o país deve trilhar nos próximos anos, articulando o sistema empresarial com pesquisa e inovação para gerar avanço científico com impactos diretos na vida da população brasileira", conclui Ferrés.

Minelli reafirma a importância do novo marco regulatório, que transmita segurança jurídica e regulatória e garanta os investimentos para atender o abastecimento do mercado com continuidade e qualidade. "Além disso, o setor produtivo reivindica o aumento imediato da mistura e a progressividade até B10 ou mais; a oportunidade para o aumento do uso para B20 em regiões metropolitanas; o uso voluntário de misturas superiores à obrigatória onde for vantajoso localmente, como nos estados produtores, por exemplo; emprego de B30 a B100 em máquinas agrícolas; inclusão do biodiesel na agenda estratégica da Conferência do Clima das Nações Unidas em dezembro deste ano em Paris (COP21); e uma política para a exportação."

ENERGIA SOLAR

O mercado da energia solar mudou significativamente nos últimos 10 anos no Brasil. Em 2005, os sistemas, ainda caros, eram dedicados apenas a áreas remotas (sistemas off-grid) como alternativa aos altos custos de levar a rede elétrica até estes locais. O sócio-diretor da Neosolar Energia, Raphael Pintão, recorda que, "mesmo para as aplicações off-grid, o mercado era muito limitado e os principais clientes eram indústrias específicas, como telecomunicações e plataformas de petróleo, programas estatais, além de soluções de bombeamento de água".

Atualmente, os sistemas conectados à rede (grid tie) já ultrapassam as aplicações off-grid e essa é uma tendência sem volta. "Estamos partindo para o 2º leilão significativo de geração centralizada e a geração distribuída, para autoconsumo, tem crescido exponencialmente com os aumentos da tarifa de energia e redução dos custos do sistema fotovoltaico", comemora Raphael.

Do ponto de vista regulatório, as mudanças ocorreram especialmente com a RN 482 em 2012, que permite aos consumidores gerarem a própria energia. Essa resolução está sendo revista para viabilizar novos modelos de negócio e reduzir a burocracia envolvida na homologação dos sistemas. Também surgiram programas de avaliação de conformidade e certificação de equipamentos, que também têm sido revistos para atender à realidade do mercado e dar as garantias necessárias para um crescimento sustentável.

"Para a próxima década, pode-se esperar um crescimento exponencial no mercado. Mundialmente esse movimento já tem acontecido a um ritmo de 40% a 50% ao ano e, no Brasil, com o preço crescente das tarifas, alta irradiação e mercado ainda inexplorado, a tendência é de crescimento ainda maior", visualiza Raphael Pintão.

Quanto aos desafios, Raphael destaca que além dos regulatórios, o maior de todos é o financiamento. "A energia solar demanda um investimento inicial alto e dá retorno por 25 ou 30 anos. Portanto o financiamento de baixo custo e longo prazo é uma questão crucial. As taxas de juros no Brasil são muito altas e incompatíveis com este tipo de mercado. As iniciativas criativas do governo e do próprio mercado serão importantíssimas para determinar o ritmo pela próxima década."

BIOGÁS

No setor de biogás os avanços também foram notórios. Conforme ressalta o diretor-presidente do Centro Internacional de Energias Renováveis – Biogás (CIBiogás), Rodrigo Regis de Almeida, o biogás, biocombustível obtido por meio da transformação de dejetos de animais e resíduos industriais, capaz de gerar energia elétrica, térmica e veicular, além biofertilizante, tem ocupado lugar de grande destaque na Matriz Energética Brasileira e mundial.

"Nos últimos anos, o CIBiogás conseguiu transpor inúmeras barreiras à implantação desse biocombustível e acompanhar e participar de importantes conquistas. Principalmente em 2014, órgãos e entidades regulamentadoras lançaram novas resoluções que facilitam o avanço das energias renováveis. Com isso, não apenas a geração de eletricidade pelo biogás foi beneficiada, mas também sua capacidade em gerar energia térmica e veicular", diz.

Um exemplo dessa evolução foi o progresso na resolução 482/12, da Agência Nacional de Energia Elétrica (ANEEL), que beneficia microgeradores de fontes renováveis. Agora, eles podem conectar-se à rede de distribuição e ganhar créditos - em quilowatt/hora (kWh) - pela energia gerada e não consumida por sua propriedade.

Outro avanço percebido por Rodrigo Reges foi estabelecido pela Agência Nacional do Petróleo (ANP) por meio da resolução 08/15. "A instituição regulamentou o uso do biometano, que pode ser usado, principalmente, como biocombustível em veículos. O seu uso pode reduzir 50% dos gastos em relação ao diesel, além de diminuir - em até 70% - a emissão de gás carbônico na atmosfera, em comparação com a gasolina e o diesel."

Para confirmar a importância do papel das energias alternativas, a Empresa de Pesquisa Energética (EPE) publicou um estudo que define o cenário, o aumento da demanda e a necessidade da geração de energia segura, eficiente e distribuída.

"Nesse contexto, o biogás vem ganhando lugar de destaque por solucionar problemas ambientais, ao retirar grande quantidade de dejetos de animais ou detritos industriais do ambiente, e econômico, ao fomentar a renda de pequenos e médios produtores rurais", comenta Rodrigo. Além disso, ele diminui problemas sociais, como no caso dos lixões e aterros sanitários, e pode ser fundamental na crise energética mundial.

Já para os próximos anos, o diretor da CIBiogás espera que as instituições do setor possam superar desinformações e desconhecimentos em relação ao biogás. "Isso gerará confiança em torno desse importante biocombustível, fazendo com que ele tome frente ao lugar que lhe é de direito."

UMA OUTRA PERSPECTIVA

Walfrido Avila, presidente da Trade Energy, tem uma visão um pouco mais polêmica sobre as questões energéticas do Brasil. Segundo ele, nos últimos anos o país procurou algumas novas fontes de energia, como a eólica e solar, que timidamente começaram a se desenvolver e aparecer no balanço energético do brasil.

"Vieram, assim, uma potência instalada bastante expressiva. Em compensação, nós perdemos nosso volume de reservatório hidro, que é a maior fonte renovável", analisa Avila. Segundo ele, o que se perdeu foi maior que o avanço das eólicas. "Vejo isso como não muito significativo. Deveríamos ter feito os reservatórios corretos nos locais adequados. Perdemos capacidade de armazenamento e por isso diminuímos nossos avanços em energia renovável."

Walfrido acredita que ao longo dos anos, principalmente por entraves políticos em todos os níveis, o Brasil deveria ter aproveitado com mais inteligência seu maior recurso: o hidráulico. "Nós estamos brincando com isso e é por isso que temos uma das energias mais caras do mundo."

A questão dos altos impostos também foi colocada em pauta pelo especialista. Conforme explica, nos outros países as taxas são de 6% a 9% de imposto único sobre a energia. No Brasil, com as guerras fiscais entre estados, 50% do valor pago é de impostos. "Temos a energia mais cara do mundo. Somos campeões!", ironiza.

Para o futuro, as perspectivas, na visão de Walfrido não são boas, já que ele não vê uma vontade política em melhorar a atual situação. "Hoje, o desafio é esse: se nos não tivermos vontade política isso não vai mudar. Se não mudar não vamos ter energia competitiva. Precisamos ter profundo conhecimento do que estamos fazendo para não comprometer as gerações que estão chegando."

Quanto à produção exacerbada de energia, Walfrido acredita que certos interesses secundários têm sido sobrepostos ao coletivo. "Do jeito que estamos indo está começado a sobrar energia. Não sei porque as térmicas estão ligadas ainda, estão causando só prejuízo ao brasileiro. O consumidor é quem está pagando, ele não tem alternativa."

Em época de crise, a solução apontada por Walfrido seria dar prioridade à indústria nacional, a fim de criar empregos, e movimentar a economia. "Devemos buscar o que se pode fazer com nossa força de trabalho brasileira. A gente só vai sair dessa crise trabalhando."

GL Agronegócios

BOLSA DE AGRONEGÓCIOS

O melhor negócio para sua lavoura

(62) 3291-5700

(62) 3293-2900

(62) 3292-4455

glagronegocios@hotmail.com

RUA 220, 185 - QUADRA 69, LOTE 15 - CEP: 74.535-090

SETOR COIMBRA - GOIÂNIA - GO.

#DATAGROSP

WWW.CONFERENCIADATAGRO.COM.BR

15 anos

EVENTO TÉCNICO DO SUGAR & ETHANOL DINNER

15ª CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DATAGRO SOBRE AÇÚCAR E ETANOL

21 e 22 de Setembro de 2015

HOTEL GRAND HYATT SÃO PAULO

Em outubro de 2014, grandes lideres estiveram aqui, discutindo como superar, de forma sustentável, os desafios do setor sucroenergético em escala global.

Sendo o evento técnico oficial do ***Sugar and Ethanol Dinner São Paulo***, e no ano de comemoração de sua 15ª edição, a ***Conferencia Internacional DATAGRO sobre Açúcar e Etanol*** reunirá os mais expressivos representantes e formuladores de políticas, com mais de 650 participantes de 33 países, dentre os principais consumidores e produtores, para um debate sobre como superar os desafios de mercado, ganhar eficiência, reduzir custos e gerar mais valor.

Esta discussão não pode parar! Vem aí a ***15ª Conferencia Internacional DATAGRO sobre Açúcar e Etanol***, e você já tem data marcada e local para compartilhar ideias e criar um novo amanhã.

*Aproveite as condições de desconto até **21 de agosto**.*

O etanol e o açúcar estão presentes muito mais do que você imagina no seu cotidiano. O uso econômico de subprodutos, para o etanol, a cogeração e outras aplicações, é uma das soluções ao alcance. Venha e participe deste debate.

Mais informações:

/datagro /datagro /datagro /datagro

+ 55 (11) 4133 3944 | conferencia@datagro.com | www.datagroconferences.com

Patrocínio:

benri BIOMASS ENERGY RESEARCH INSTITUTE

CÂMARA DE COMÉRCIO E INDÚSTRIA DO BRASIL

datamaps

deag

Deloitte.

GeoCane

Itaú BBA

pwc

São Martinho

NovaFronteira Bioenergia

Realização e Curadoria:

DATAGRO

Parceiro de Mídia

Canal JORNAL DA BIOENERGIA

OPORTUNIDADE DE PATROCÍNIO:
Plante a marca da sua empresa em um dos mais prestigiados eventos técnicos do setor sucroenergético internacional e garanta ótima visibilidade e relacionamento.
Entre em contato e saiba como participar.

Agência de

comunicação

especializada em:

assessoria de imprensa

media training

planejamento estratégico de comunicação

gerenciamento de crises

comunicação **interna**

workshop

edição de jornais e revistas

comunicação em mídias sociais

publicações jornalísticas em geral

MAC
Editora e Jornalismo

WWW.MACJORNALISMO.COM.BR

Canal
JORNAL DA BIOENERGIA

WWW.CANALBIOENERGIA.COM.BR

A MAC É A EDITORA DO CANAL - JORNAL DA BIOENERGIA, VEÍCULO DE CIRCULAÇÃO NACIONAL.

facebook.com/canalbioenergia @canalbioenergia

facebook.com/macjornalismo
@macjornalismo

Av. T-63, 984 - Conj. 215 - Ed. Monte Líbano Center, Setor Bueno, Goiânia - GO - Cep 74230-100
E-mail: **mac.editora@gmail.com** Fone (62) **3093 4082 | 4084**

O GOVERNO FEDERAL E A POLÍTICA ENERGÉTICA BRASILEIRA

Celso Torquato Junqueira Franco
é Presidente da UDOP
União dos Produtores
de Bioenergia

A infraestrutura é um dos maiores gargalos para o desenvolvimento da economia e competitividade de diversas cadeias produtivas do Brasil.

Sistemas modernos de logística possibilitam o escoamento da produção em menor tempo, com perdas reduzidas e custo significativamente inferior, tanto para atender mercado interno quanto o mercado externo.

Abastecimento de energia com previsibilidade de custos e garantia de fornecimento é pré-requisito básico para o desenvolvimento da indústria.

Todos os setores da economia devem estar preparados para cumprir seu papel neste complexo sistema de produção, inerente a qualquer país de dimensões continentais.

O setor sucroenergético cumpre um papel cada vez mais relevante na economia brasileira.

A partir dos anos 80, além de garantir o abastecimento interno de açúcar, passamos a produzir etanol, contribuindo para significativa redução do volume de importação de petróleo e derivados, cuja soma equivale a US$ 300 bilhões, próximo ao atual saldo de divisas.

A partir dos anos 90, o Brasil passa a ocupar um importante espaço na exportação de açúcar, sendo atualmente responsável por cerca de 50% de todo volume transacionado no mercado.

Em meados da década de 80, o setor inicia as primeiras experiências com cogeração de energia, vendendo o excedente de energia elétrica às concessionárias.

Em 2002, com o apagão de energia elétrica no Brasil, após clara sinalização do Governo demonstrando forte interesse em fontes alternativas de energia, despertou o interesse dos empresários do setor em buscar alternativas para viabilizar um melhor aproveitamento da energia contida no bagaço da cana.

Apesar das boas soluções tecnológicas disponíveis no mercado, com equipamentos nacionais, ainda esbarramos nas questões regulatórias, em que o governo sistematicamente estabelece preços teto para os leilões de energia de biomassa, que não garantem retorno adequado aos investidores, sem contar com outros gargalos, como a conexão com o sistema de distribuição.

Atualmente, o setor vende apenas 15% do excedente potencial disponível no bagaço e palha, o que representa cerca de 2,5% de toda energia elétrica consumida no País.

O setor é capaz de produzir cerca de 14% de toda energia consumida, sendo complementar ao sistema hídrico, pois a concentração da produção ocorre no período seco, reduzindo o consumo dos reservatórios, contribuindo para a segurança de todo sistema de abastecimento.

Incansavelmente, o setor vem buscando interlocução com o governo federal, tanto na esfera do Executivo quanto do Legislativo pois, sendo parte importante da componente "Energia", o setor entende poder contribuir para os interesses do País.

Muitas questões estão na agenda do governo, faltando porém definições claras e de longo prazo, tais como:

- Planejamento de Longo Prazo para Setor Energético;

- Definição do papel do etanol na Matriz energética;

- Definição do papel da Bioeletricidade;

- Reconhecimento Econômico das externalidades positivas da energia limpa e renovável, frente aos combustíveis fósseis;

- Melhoria na estrutura de Logística, com ampliação de ferrovias, dutovias, hidrovias e estrutura portuária;

- Adequação do sistema tributário, de forma a isentar totalmente os produtos exportados;

- Simplificação deste complexo sistema tributário brasileiro, evitando cobrança de impostos em cascata;

- Incentivo tributário para a indústria automobilística, motivando-as para o desenvolvimento de tecnologia de motores mais eficientes movidos a etanol;

- Modernização da Legislação Trabalhista, adequando à realidade do setor, e reduzindo a insegurança jurídica, pois se trata de atividade intensiva em mão de obra;

- Adequação da Legislação Ambiental e suas regulamentações;

- Linhas de crédito adequadas para o setor: desde investimentos em cogeração e plantio de cana, a capital de giro para estocagem e tratos culturais da cana.

A setor sempre demonstrou sua capacidade, tanto em inovação quanto em crescimento, enfrentando as turbulências com coragem e reponsabilidade.

Enfrentamos a maior crise da história pois, além das conjunturas normais de mercado, atualmente, nos deparamos com a intervenção direta excessiva do governo ao congelar os preços da gasolina, reduzir as vantagens tributárias do etanol, eliminando qualquer possibilidade de competitividade do etanol frente à gasolina.

Apesar de um mercado crescente nos últimos anos, vimos o setor perder espaço do etanol para a gasolina, que nem sequer é produzida no Brasil.

Assistimos à deterioração da balança comercial e pior, muito pior, dezenas de usinas tradicionais não conseguindo honrar seus compromissos, muitas entrando em recuperação judicial e outras tantas chegando ao extremo de paralisar as atividades, impactando diretamente a vida de muitos brasileiros que vivem nas centenas de municípios brasileiros, sedes de unidades industriais.

Poderíamos ter uma válvula de escape nesse período de crise, quando o setor poderia crescer, fornecendo energia limpa, renovável e segura.

Poderíamos...e podemos...

Basta querer!

SETOR SUCROENERGÉTICO:

CUSTOS SEGUEM EM ALTA

VARIAÇÃO DE CUSTOS ESTÁ ACIMA DA INFLAÇÃO

Cejane Pupulin

Ter controle de gastos é fundamental em qualquer empresa. Nas usinas, também é importante saber quanto é investido em cada área e ter um controle rígido dos custos de produção da cana-de-açúcar, do etanol e do açúcar. Principalmente nesse período que o setor sucroenergético brasileiro passa por um momento delicado, ainda engatinhando para se recuperar de uma pesada crise que provocou o fechamento de várias empresas em toda a cadeia produtiva.

Plínio Nastari, da Datagro Consultoria, diz que os custos continuam crescendo, em consequência do aumento nos salários e do elevado preço de insumos importantes, como os fertilizantes e o diesel. "Um indicador da crise é o tamanho do endividamento do setor, estimado atualmente em cerca de 75 bilhões de reais", exemplifica.

O presidente da Comissão Nacional de Cana-de-açúcar da CNA, Ênio Fernandes, complementa que o preço do etanol está estabilizado desde 2008. "Devido à dependência do governo, os empresários concentraram na produção de açúcar, assim, há muito produto no mercado e o preço atual de comercialização é o pior dos últimos 15 anos".

Segundo o levantamento de Custos de produção de Cana-de-açúcar, Açúcar e Etanol no Brasil do Programa de Educação Continuada em Economia e Gestão de Empresas (Pecege), grupo de Extensão da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz da Universidade de São Paulo (Esalq/USP) com a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), realizado desde de 2008, os custos de produção da safra tiveram tendência de variação anual acima de 9 % na região de Expansão do Brasil - compreendida pelos estados de Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso do Sul e Mato Grosso.

"Considerando a tendência de variação anual e a acumulada, nota-se que os preços pagos pela cana de fornecedores nas últimas sete safras, bem como os custos de produção de cana produzida pela própria usina e os produtos industriais, apresentaram variabilidade similar no período analisado", explicam os pesquisadores do Pecege, Aline Bigaton, André Danelon e Haroldo Torres. Os custos com a produção da cana-de-açúcar foram ligeiramente superiores aos da produção industrial, indicando um maior impacto no setor agrícola.

Para se mensurar, por exemplo, o preço pago pela cana para os fornecedores subiu entre a safra 2007/2008 a 2013/2014, 75,1%. Na primeira, o valor por tonelada era de R$ 35,41, agora, atingiu a casa de R$ 61,98.

Indicador-Unidade	Safra 2007/08	Safra 2013/14	%
Preço pago na cana de fornecedores - R$/t	35,41	61,98	75,1%
Preço ATR cana - R$/Kg ATR	0,2443	0,4572	87,1%
Custos de produção de cana própria - R$/t	47,93	79,73	66,3%
Custos de produção do açúcar branco - R$/t	518,30	913,08	76,2%
Custos de produção do açúcar VHP - R$/t	497,18	886,96	78,4%
Custos de produção do etanol anidro - R$/m^3	838,47	1467,63	75,0%
Custos de produção do açúcar hidratado - R$/m^3	788,24	1377,16	74,7%

Fonte: Pecege/ CNA

Outros importantes aumentos podem ser conferidos no quadro *(box na página ao lado)*. Assim, os valores são superiores aos índices de inflação como, por exemplo, o Índice Geral de Preços - Disponibilidade Interna (IGP-DI), que foi de, aproximadamente, 6,16% a.a. no período.

No setor agrícola, a mecanização das lavouras foi o item de maior pressão nos custos do setor sucroenergético. As análises do Pecege confirmam que processo de mecanização da lavoura torna-se rentável para canaviais com alta produtividade. Com isso, o setor precisou investir nos últimos anos mais intensivamente na formação de seus canaviais. "Entre as safras 2009/10 e 2013/14 a mecanização da lavoura saltou de 65% para 96%, enquanto que a produtividade não acompanhou o crescimento", pontuam os pesquisadores.

Essa baixa produtividade pode ser comprovada pela redução da taxa de ATR – concentração de açúcar na planta -, fundamental para a alta produtividade, seja de etanol, seja de cana. Na safra 2013/2014 o teor de ATR em Kg/t de cana na área de Expansão foi de 133,26, em comparação com a safra 2007/2008, representa uma redução de 10,1%. Durante esse período os números sofreram alterações, chegando em 2009/2010 a atingir o menor patamar, de 132,91.

O LEVANTAMENTO

Desde 2008, cerca de 200 usinas participaram do levantamento de custos do Programa de Educação Continuada em Economia e Gestão de Empresas (Pecege), grupo de Extensão da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz da Universidade de São Paulo (Esalq/USP) com a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA). Todas as usinas brasileiras são convidadas anualmente para participar da pesquisa. Como resultado, na safra 2013/2014, 98 agroindústrias, responsáveis pelo processamento de 213 milhões de toneladas de cana, ou seja, aproximadamente um terço da produção nacional, preencheram os questionários da pesquisa.

A INDÚSTRIA

No âmbito industrial, os custos de mão de obra impactaram a produção agroindustrial. Os reajustes do salário mínimo causaram grandes impactos, superando a casa dos 40% de acréscimo. O custo da mão de obra no setor industrial subiu 41,5% na safra 2013/2014 em comparação a 2009/2010. Já no setor administrativo das usinas, esse reajuste foi de 62,1% superior ao mesmo período.

Para o presidente da Comissão Nacional de Cana-de-açúcar da CNA , os custos trabalhistas foram superiores em proporção ao aumento da produção. Em 2008, o salário mínimo era R$ 415, já em 2015, chegou a R$ 788, um aumento de quase 90%. "Quando há aumento de salário todos os encargos também sobem", explica Fernandes. "As alterações na legislação trabalhista também influenciaram no acréscimo de custo."

Assim, a pressão do aumento de custos das operações agrícolas extrapolou o efeito da variação de produtividade agrícola e causou aumento da matéria-prima e, consequentemente, dos custos agroindustriais. O valor pago para insumos, por exemplo, em 2013/2014 é mais de 14% superior a safra de 2009/2010.

O DÓLAR

Para os pesquisadores do Pecege, a desvalorização cambial traz benefícios para o agribusiness brasileiro, em especial para a exportação. O câmbio favorece o fechamento de contratos para exportação do açúcar e pode impactar, em partes, os custos de produção.

Mas, essa alteração de câmbio também pode ser danosa. Para Nastari, a desvalorização do real é, a médio e longo prazo, benéfica para o setor, mas a alta dos juros impacta enormemente, em especial devido ao seu nível de endividamento que é elevado.

O câmbio complica a situação das usinas que possuem dívidas dolarizadas, reduzindo o caixa, encarecendo importações e investimentos e elevando ainda mais a dívida.

O FUTURO DA AGRICULTURA

BASF APRESENTA PRINCIPAIS PRODUTOS DISPONÍVEIS NO MERCADO E EM DESENVOLVIMENTO E TRAÇA METAS DE INVESTIMENTOS NO BRASIL

Ana Flávia Marinho

No final de junho, a Basf promoveu na cidade de Campinas (SP) o Encontro de Imprensa 2015, que reuniu jornalistas especializados em agronegócio de todo o País. O CANAL-Jornal da Bioenergia acompanhou a apresentação das novidades da empresa para a agricultura brasileira.

No ano de comemoração aos 150 anos da empresa alemã, a temática levantada foi o papel da agricultura brasileira no cenário mundial: desafios, contribuições e inovações. A ideia da companhia é desenvolver novidades no Brasil voltadas para as necessidades locais.

Em dois dias de encontro, a programação inicial foi nos 110 hectares da Estação Experimental Agrícola em Santo Antônio de Posse (SP), primeira da Basf no Hemisfério Sul, onde visitas guiadas foram realizadas em grupos pequenos de jornalistas, que puderam conhecer de perto as novidades disponíveis no mercado e aquelas que serão comercializadas em breve.

ESTAÇÃO EXPERIMENTAL

A previsão da empresa é que 1.070 novos ensaios sejam desenvolvidos na estação paulista no ano de 2015. Em funcionamento desde 1980, já foram investidos R$65 milhões no local, que tem como áreas de pesquisa os fungicidas, herbicidas, inseticidas, fisiologia, biotecnologia, resíduo, tecnologia de aplicação e manejo de resistência.

Durante as visitas foram apresentados produtos e serviços voltados para a otimização da agricultura, com destaque para a AgMusa – Agricultura de Mudas Sadias – voltada para o aumento da produtividade em um mesmo espaço de plantio de cana-de-açúcar; soluções para sementes; resistência e screening de produtos biológicos; screening de novos inseticidas e soluções em soja.

Fotos: divulgação/Basf

Harald Schwager, membro da junta diretiva da Basf

CONFERÊNCIA

No segundo dia de encontro, uma coletiva de imprensa apresentou as novas iniciativas da Basf para a agricultura mundial. Participaram executivos da divisão agrícola da companhia no Brasil e na Alemanha, entre eles o membro da junta diretiva da Basf, Harald Schwager; o presidente global da área, Markus Heldt; o vice-presidente sênior da área de Proteção de Cultivos para América Latina, Eduardo Leduc e o vice-presidente da área de Proteção de Cultivos no Brasil, Francisco Verza.

Schwager disse que o objetivo da companhia é criar química para um futuro sustentável. "Nós precisamos disponibilizar tudo junto: materiais e soluções funcionais." O presidente reforçou que, com o crescimento populacional previsto para a América do Sul, a demanda agrícola deve ser impulsionada, diferente do que se prevê para a Europa.

Já Markus chamou atenção para a necessidade de se reconhecer os produtores rurais do País e desenvolver melhorias voltadas para eles. Além disso, deu destaque para a questão ambiental, visto que 12% da terra arável é atualmente voltada para a agricultura e 74% da água renovável é usada pelo setor. "Precisamos ser mais inteligentes nessa utilização", avaliou, referindo-se à crise hídrica que o Brasil tem enfrentado.

Para alcançar esses objetivos, tecnologias a serem aplicadas ao longo do ciclo de cada cultura, manejo adequado do solo, soluções para sementes e proteção de culturas têm sido estudados pela Basf a fim de suprir as necessidades agrícolas dos produtores.

Da mesma forma, Leduc reafirmou a necessidade de se criar caminhos para que, com menos área, seja possível produzir mais quantidade de alimentos e com menos impactos.

O dado de menos de 6% do território nacional ser utilizado para a agricultura foi utilizado por Verza para exemplificar que o Brasil é um país com dimensões continentais. A

produtividade das principais culturas desenvolvidas aqui subiu ao longo dos anos. A cana, entretanto, foi a que demonstrou menor aumento – 27% em 20 anos. "O desenvolvimento da cana precisa ser mudado. O desafio do setor é aumentar a produtividade."

Quando perguntado sobre a crise mundial que assola os produtores, Verza comentou que, enquanto o cenário não puder ser mudado, a saída é investir em produtividade. "É um ano de cautela, mas vamos continuar investindo em melhorias para o produtor", afirmou.

MESA REDONDA

O encontro teve ainda uma mesa redonda com o tema "O Futuro da Agricultura". Participaram o representante da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), Alan Bojanic; o pesquisador da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), Décio Luiz Gazzoni; o presidente da Associação Brasileira do Agronegócio (Abag), Luiz Carlos Carvalho; o presidente da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), Roberto Brant e Eduardo Leduc.

Décio avaliou que o grande desafio futuro é saber quem irá abastecer o mundo até 2055. Após essa data, será necessário reavaliar quem se manterá no mercado. "As pessoas não bus-

Eduardo Leduc , vice-presidente sênior da área de Proteção de Cultivos para América Latina

cam na agricultura somente alimentos, mas energia, fármacos, ornamentais entre outros." Para aumentar a produção, Décio afirmou que o Brasil poderá tanto expandir a área de plantio quanto a produtividade.

Com foco na sustentabilidade, a terceira e mais viável alternativa seria integração entre pecuária, lavoura e floresta. "É uma oportunidade de aumentar a produção sem avançar em áreas de preservação. Temos que sustentar não só nossa geração mas as próximas."

Gazzoni estima que a cadeia do agronegócio continuará crescendo nos próximos anos, mas algumas mudanças devem ser tomadas, principalmente no que se refere a logística, abertura comercial água e bioenergia.

Com relação aos agricultores, Roberto Brant apontou que seu número tem sido reduzido com o tempo. "A agricultura brasileira está se fazendo cada vez por menos agricultores."

Na opinião de Brant, isso é devido às políticas públicas que têm sido erradas, já que o ideal seria "distribuir conhecimento para quem tem terras e não terras para quem não tem conhecimento".

Com relação ao trabalho do pequeno e médio produtor, Leduc afirmou que para que haja uma diferenciação desse público é preciso que se invista em tecnologia. "Os pequenos agricultores têm que trabalhar em conjunto. O sistema de cooperativismo é o melhor caminho de fortalecê-los", disse.

AVANÇAR É PRECISO: EM GOIÁS, A ECONOMIA CRESCE MESMO EM CENÁRIO DE CRISE NACIONAL

R$ 35 bilhões em investimentos de empresas nacionais e estrangeiras, entre 2011 e 2014

Com índices econômicos acima da média nacional, Goiás se mantém atraente para os investimentos mesmo em período de crise nacional. Esse diferencial não é por acaso: além da localização geográfica estratégica, o Estado tem estrutura logística privilegiada, uma arrojada e diversificada legislação de incentivos fiscais, governo atuante e realizador e amplo mercado consumidor.

O Estado é atualmente a 9ª economia do Brasil, e o governo estadual está promovendo um amplo conjunto de obras e medidas para aprofundar o desenvolvimento e aumentar a competitividade goiana.

A economia de Goiás mudou completamente nos últimos anos. Em 1997, o Produto Interno Bruto (PIB) estadual era da ordem dos R$ 17,4 bilhões. No ano passado, segundo estimativas da Secretaria de Estado de Gestão e Planejamento (Segplan), a soma das riquezas do Estado fechou em torno dos R$ 144 bilhões – um crescimento de 8,2 vezes em 17 anos. Os goianos vivenciaram uma profunda transformação do cenário econômico, com a instalação de montadoras de veículos (Catalão e Anápolis), indústria de fármacos (Anápolis), indústrias de bebidas e alimentos e o ingresso de marcas nacionais e estrangeiras consagradas no setor de comércio e serviços.

Entre 2011 e 2014, Goiás recebeu R$ 35 bilhões em investimentos de empresas nacionais e estrangeiras. Nos últimos 12 meses, mais R$ 1,4 bilhão de novos investimentos, oriundos de diferentes setores, foi anunciado para o Estado. Deste total, R$ 389 milhões foram confirmados há 15 dias, quando sete empresas assinaram os termos de cooperação para instalar ou ampliar suas unidades no Estado, gerando estimativa de criação de mais duas mil vagas de trabalho.

GOVERNO DE GOIÁS

Em tempos de crise, as oportunidades são para poucos: Goiás abre vantagem no cenário nacional com políticas públicas eficientes, capazes de atrair investidores e promover o desenvolvimento econômico e humano.

FOTO: LAILSON DAMÁSIO

Centro Cultural Oscar Niemeyer. Para além das velhas ideias prontas, Goiás é um dos melhores Estados para se viver no País, com baixo índice de desigualdade social, grandes riquezas ambientais, ótimo clima, cultura viva e juventude livre e empreendedora.

Governo presente, municípios fortes

O desenvolvimento se interiorizou nesse período e a capital, Goiânia, não é mais a única referência econômica. Anápolis consolidou seu processo de industrialização e de polo logístico e reforçou o eixo econômico Goiânia-Brasília, que já corresponde a mais de R$ 5,5 milhões de consumidores. Jataí, Rio Verde e Cristalina se tornaram potências do agronegócio. Catalão se transformou em polo automotivo (Mitsubishi) e de mineração, Itumbiara em polo da indústria de alimentos.

Entre os fatores que garantem atratividade para o Estado estão os pesados investimentos feitos pelo Governo de Goiás em infraestrutura. Entre 2001 e 2014 foram aplicados, ao todo, R$ 6 bilhões na construção, reconstrução, duplicação e iluminação de rodovias, implantação de viadutos e pontes, e em obras de infraestrutura em turismo e eventos, saúde, educação e segurança. O montante é o maior já aplicado em uma única gestão.

Na rota da qualidade de vida

É de conhecimento de todo o setor produtivo que Goiás, há muitos anos, cresce acima da média nacional, liderando, proporcionalmente, a geração de empregos. Mas diversas outras faces da robustez econômica do Estado ainda são pouco conhecidas, algumas delas inéditas.

Segundo dados do IBGE, o percentual da população pobre em Goiás era de 24,6% em 2004. No ano passado, o índice baixou para 7,6% da população – uma taxa mais de três vezes menor. Hoje, Goiás é o 3º Estado com menor índice de pobreza no Brasil, atrás apenas de Santa Catarina (5,7%) e de Mato Grosso do Sul (6,3%). Os índices de extrema pobreza também são mínimos: 2,2% da população goiana estão abaixo da linha da pobreza.

O Coeficiente de Gini, que afere a desigualdade social no Brasil, mostra que Goiás é o 5º Estado menos desigual no País e o 1º no Centro-Oeste.

GOVERNO ENXUTO E EFICIENTE ANTECIPA-SE ÀS ADVERSIDADES E GARANTE A ENTREGA DE GRANDES OBRAS

O Governo de Goiás fez o dever de casa e se antecipou à crise econômica, adotando severas medidas de ajuste fiscal para preservar a máquina administrativa da queda nas receitas tributárias e garantir a manutenção dos investimentos. O número de secretarias foi reduzido de 16 para 10, o total de cargos temporários e comissionados foi cortado à metade e o Orçamento de 2015 foi profundamente revisado.

Com a reforma administrativa, o Governo de Goiás redefiniu o eixo público de promoção do desenvolvimento econômico. Foi criada a Secretaria de Estado do Desenvolvimento (SED), que passou a coordenar todas as ações de governo relacionadas ao crescimento econômico: indústria, comércio, comércio exterior e serviços; agricultura, pecuária e irrigação; ciência, tecnologia e inovação; bem como todos os programas de fomento – caso do Produzir (programa de incentivos fiscais do Governo de Goiás) e do Programa Goiano de Parques Tecnológicos (PGTEC). Hoje, a SED cumpre o importante papel de articulação de esforços entre setor público, privado, classista e terceiro setor, e por meio do Plano Adiante (Ação de Desenvolvimento Integral) busca enfrentar as adversidades do cenário.

As medidas e ajustes resultarão numa economia de R$ 1 bilhão neste ano (2015) – R$ 400 milhões somente com a folha de pessoal, e estão garantindo a manutenção do ritmo de andamento das obras. Em julho, por exemplo, o governo estadual cumpriu a meta de entregar o Hospital de Urgências Governador Otávio Lage de Siqueira (HUGOL), o maior do Centro-Norte do Brasil e um dos mais modernos da América Latina, que recebeu investimentos de R$ 263 milhões para ser construído e equipado e terá custo operacional da ordem de R$ 15 milhões por mês.

Alerta e ágil, gestão pública planeja
suas ações e antecipa-se às adversidades,
projetando Goiás como modelo
de austeridade e criatividade para o Brasil.

10 OBRAS DE R$ 100 MILHÕES CADA ATÉ O FINAL DE 2015

O Hugol está entre as obras com investimentos de mais de R$ 100 milhões já concluídas ou que serão entregues pelo Governo de Goiás ainda em 2015. Na relação estão também a duplicação de três rodovias, duas delas interligando Goiânia ao interior do Estado, a ponte sobre o Rio Araguaia na divisa de Goiás com Mato Grosso e o Centro de Referência e Excelência em Dependência Química (Credeq) de Aparecida de Goiânia, na Região Metropolitana da Capital – o primeiro de cinco em construção.

MEDIDAS DE COMPLIANCE: INOVAÇÃO E PIONEIRISMO PARA VENCER A CRISE

Goiás rejeita medidas ortodoxas e dá provas de que existem outros caminhos possíveis para superar a conjuntura sem prejudicar o desenvolvimento dos municípios.

Goiás é precursor no Brasil na realização de ajustes financeiros e adoção de medidas de compliance para enfrentar os efeitos da crise conjuntural que assola a maioria dos estados nacionais. O Governo goiano repudiou a receita ortodoxa de corte de subsídios e benefícios, redução de incentivos e aumento de impostos, tarifas públicas e combustíveis, colocada em curso no País. Em lugar disso, reduziu o tamanho da máquina, buscando tornar Goiás mais competitivo, dentro do espaço de ação cabível a um Estado federado.

O avanço da industrialização de Goiás, em contraposição à desindustrialização do Brasil, segue uma receita de bom senso: incentivos para atração de indústria, gestão ativa na busca de investidores internacionais e políticas de educação e qualificação de mão de obra para atender as necessidades específicas demandadas em cada setor.

Estudos indicam que avanços na escolaridade redundam em mais produtividade. Por isso, Goiás tem investido num extenso programa de qualificação. No ano passado, por exemplo, a Rede Estadual de Educação Profissional de Goiás foi recordista nas matrículas do Pronatec. Conforme dados do ranking nacional do Ministério de Educação (MEC), em 2014, o Estado registrou 21.530 matrículas. O número corresponde ao dobro do segundo colocado, Minas Gerais, com 10.876. No mesmo período, Goiás criou e implantou o maior programa de qualificação profissional do País: o Bolsa Futuro. Mais de meio milhão de goianos tiveram a oportunidade de se especializar gratuitamente nas mais diversas áreas da economia, ingressando na sociedade do conhecimento e se preparando para atuar na nova economia que insurge sobre a crise.

GOIÁS SE DESTACA COMO UM DOS ESTADOS MAIS COMPETITIVOS DO BRASIL

O Estado de Goiás é o 9° mais competitivo do País. São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais lideram, nesta ordem. A meta do Governo é ampliar ainda mais a atração de investimentos para o Estado, aumentando, assim, o índice de competitividade.

Consultores e analistas de mercado apontam que, nos últimos 10 anos, Goiás foi o Estado que mais conseguiu reduzir as desigualdades sociais, ponto importante para o avanço da competitividade. Isso ocorreu graças à soma de fatores como: ambiente político pacificado, segurança jurídica, políticas assertivas de desenvolvimento e pela estreita relação de parceria com a iniciativa privada em diversas áreas.

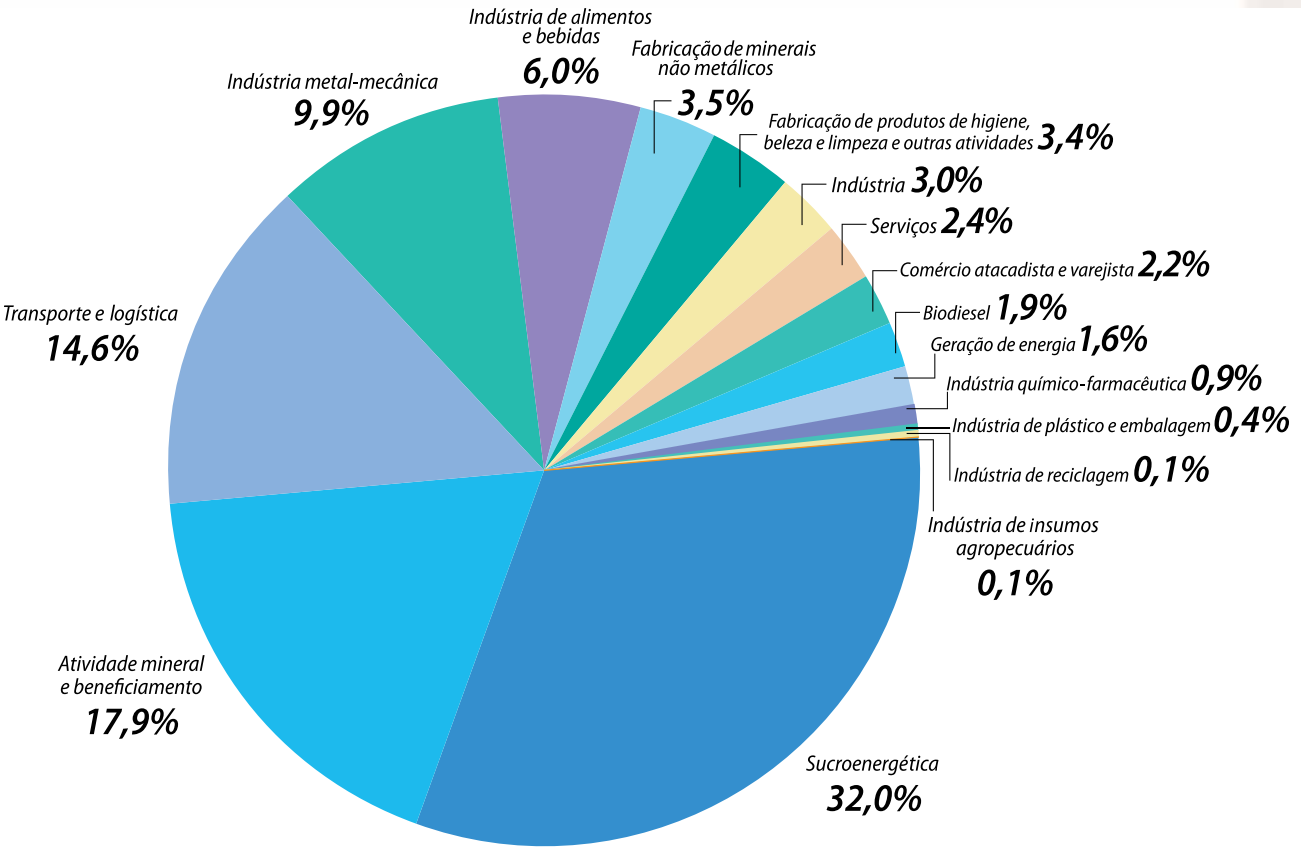
Entre os procedimentos adotados para garantir efetividade às políticas públicas de promoção da competitividade, o Estado aderiu ao Programa de Modernização da Gestão Pública (PMGP) e trabalha com ferramentas científicas de governança e gestão.

Goiás também já é referência no apoio aos Arranjos Produtivos Locais (APLs), um instrumento reconhecidamente forte para a promoção da competitividade que viabiliza a transferência de conhecimento e inovação e incentiva as vocações regionais para o crescimento conjunto dos municípios.

Não por acaso, Goiás tem sido chamado de China brasileira. Os resultados da economia são fruto de uma gestão pública focada no enorme potencial do Estado, que prioriza a realização de obras de infraestrutura e a articulação de políticas inteligentes de desenvolvimento.

Rumo à industrialização plena, o Estado segue firme e atento à diversificação, sem perder o zelo pela principal âncora da economia goiana: o agronegócio. A produtividade do agronegócio brasileiro é 30% superior à do norte-americano e, no Brasil, não há agronegócio tão eficiente, produtivo e moderno quanto o do Centro-Oeste, com destaque para Goiás.

O Governo de Goiás afina as relações com os setores produtivos, promove a redução das desigualdades sociais e coloca o Estado em posição de destaque.



Fonte: Goiás Fomento/SIC/Segplan-GO/FCO/Jornais diversos
Elaboração: Segplan/Sepin - Dados Preliminares sujeitos a retificação, coletados até 31/08/2011

Participação dos investimentos em Goiás por atividades industriais e de serviços

BALANÇA COMERCIAL POSITIVA, EMPREGO ESTÁVEL

O Estado de Goiás comemora 16 meses consecutivos de superávit em sua Balança Comercial. Goiás exporta 900 tipos de produtos diferentes para cerca de 150 países.

Em maio de 2015, a soja e seus derivados continuaram liderando as exportações, respondendo por 50,4% do total exportado. No acumulado do ano, entre janeiro e maio, as exportações goianas totalizaram cerca de US$ 2,2 bilhões. No mesmo período, as importações somaram aproximadamente US$ 1,4 bilhão, com um saldo superavitário de US$ 800 milhões. Goiás também está no seleto grupo de Estados que mantém positiva a geração de empregos.

Segundo os dados do Caged, Cadastro Geral de Empregados e Desempregados do Ministério do Trabalho e Emprego, de janeiro a maio de 2015, o saldo positivo é de mais de 6,1 mil empregos. O balanço do Caged identifica que, no primeiro trimestre, Goiás teve o melhor desempenho do Centro-Oeste, superando o DF na geração de novos postos de trabalho.

Agora, o Governo de Goiás se prepara para dar mais um passo adiante: articular o conhecimento gerado nas universidades e institutos de pesquisa com as demandas tecnológicas do setor produtivo.

FENASUCRO & AGROCANA

O maior evento mundial do setor sucroenergético.

23 a 26 de Agosto de 2016

Sertãozinho - SP | Visitação das 13h às 20h

Setores em Exposição

Transporte e Logística

Fornecedores Industriais

Processos Industriais

Agrícola

Energia

www.fenasucro.com.br

Realização | Co-Realização | Apoio

BIODIESEL

BIODIESEL DAS VÍSCERAS DE PEIXE

JÁ FORAM PRODUZIDOS 31 MIL LITROS DE ÓLEO NO CEARÁ

Divulgação: Piscis

O óleo extraído das vísceras dos peixes é uma matéria-prima de preço bem competitivo

Cejane Pupulin

O setor de biodiesel tem novidades. A Petrobrás agora processa as vísceras de peixes para produção de biodiesel, conhecido como OGR (óleos e gorduras residuais) de peixe. Nos primeiros quatro meses de 2015, a Usina Quixadá, no Ceará, já produziu 31 mil litros de óleo.

O material que antes era desperdiçado pelos pescadores da região e era problema ambiental tornou-se mais uma fonte de renda. A matéria-prima é fornecida pelos psicultores dos açudes do Castanhão e de Orós.

Segundo a estatal, O óleo extraído das vísceras de peixe, comparado a outras matérias-primas utilizadas na produção de biodiesel, possui um preço bastante competitivo. Por cada litro, a Petrobrás paga à cooperativa R$ 1,40. "10% do peixe são vísceras, e desse material, apenas 50% é transformado em óleo", explica o Presidente da Cooperativa dos Piscicultores do Curupati Peixe, Ernesto da Silva Góes.

Para a Petrobras Biocombustível, a compra desse óleo é positivo porque dá para a Companhia o Selo Combustível Social (SCS).

O Secretário de Aquicultura e Pesca de Orós, José Henrique Silva, explica que os piscicultores locais ainda não iniciaram o envio do óleo de peixe para a Petrobrás. "Estamos tentando adquirir uma máquina para retirar o óleo das vísceras do peixe. O banco já financiou, mas aguarda uma comprovação real do funcionamento da máquina", explica. São pescados no Açude de Orós, no Ceará, cerca de 800 toneladas de peixe por mês, apenas em Orós são 600 toneladas.

O Presidente da Cooperativa dos Piscicultores do Curupati Peixe, Ernesto da Silva Góes, também aguarda o equipamento para modernizar a retirada do óleo do peixe, mas para não perder a renda extra para as famílias dos 41 cooperados retiram o óleo artesanalmente. "Temos um funcionário exclusivo que busca e ferve as vísceras", explica. A produção mensal é de cinco mil litros.

Devido a diminuição do Açude Castanhão, Góes acredita que a produção de peixe e de óleo sofra uma redução. "Hoje, estamos com 800 gaiolas, mas acredito que teremos que reduzir".

PERSPECTIVAS

A Petrobras Biocombustível tem uma forte presença no interior estado do Ceará, principalmente na região do açude Castanhão, através da parceria com a Cooperativa dos Produtores do Curupati. Também foi assinado um convênio com a Secretaria Estadual de Pesca e Aquicultura do Estado do Ceará para a prestação de assistência técnica e extensão pesqueira e aquícola (ATEPA) no sentido de ampliação da atuação ainda em 2015.

Outro foco de expansão é na Bahia, onde já existem algumas ações da estatual encaminhadas junto a Bahia Pesca - empresa vinculada à Secretaria de Agricultura, Irrigação e Reforma Agrária da Bahia (Seagri). Assim, a Petrobras Biocombustível também pretende buscar apoio e parcerias com Cooperativas de Piscicultores da Bahia para no desenvolvimento desta atividade, semelhante ao processo realizado no estado do Ceará.

A introdução do óleo de peixe na cadeia produtiva do biodiesel é uma parceria da Petrobras Biocombustível, do Ministério da Pesca e Aquicultura, da Secretaria de Pesca e Aquicultura do Estado do Ceará, da Fundação Núcleo de Tecnologia Industrial do Ceará (Nutec), do Núcleo Tecnológico da Universidade Federal do Ceará, do Banco do Nordeste, do Banco do Brasil, do Departamento Nacional de Obras Contra a Seca (Dnocs) e das prefeituras de Jaguaribara e de Orós.

8º Congresso Nacional da Bioenergia

11 E 12 NOVEMBRO
ARAÇATUBA/SP

ONDE A **INTELIGÊNCIA** DO SETOR SE **REÚNE**

RESERVE ESTA **DATA!**

Conheça os Apoios Culturais já confirmados para a 8ª edição do Congresso Nacional da Bioenergia, em 2015.

Promoção | Realização | Organização | Apoio Institucional

UDOP · STAB · uniUDOP · Cursos e Eventos · UniSALESIANO

Apoio Cultural

Bayer CropScience · Deloitte. · FMC · HELAMIN® · GE · raízen · syngenta

www.udop.com.br

LINHA PREMIUM DE PRODUTOS TERMOMECANICA

A Termomecanica oferece ao mercado uma Linha Premium, composta pelas Capas de Bronze TM 23, buchas e tarugos de bronze, que ajudam a aumentar a competitividade e ainda reduzir custos das empresas do setor sucroalcooleiro. Os produtos da linha premium, e em especial as Capas de Bronze TM 23, conhecidas mais popularmente como semicasquilhos, são utilizados na manutenção das usinas, como peças de reposição. Instaladas nos ternos da moenda, têm a função de um mancal que protege o eixo da moenda do desgaste, daí a necessidade de um produto de alta qualidade e confiabilidade. Além do modelo convencional, as usinas podem contar com a Capa de Bronze TM 23 com sistema interno de serpentina de refrigeração, o que confere mais eficiência na troca de calor e garante maior vida útil ao mancal.

As Capas de Bronze TM 23 garantem a melhor relação custo x benefício às usinas de açúcar e álcool, proporcionando maior durabilidade em relação aos produtos concorrentes. O Bronze TM 23 apresenta boa resistência à corrosão, excelente qualidade antifricção, usinabilidade e conformabilidade para buchas e mancais.

HENKEL LEVA SOLUÇÕES PARA ADESÃO E REPARO NA FENASUCRO

A Henkel destaca produtos da linha Loctite® . O adesivo híbrido Loctite® 4090 expande a capacidade dos adesivos tradicionais e abre possibilidades de novas aplicações e soluções ao oferecer desempenho de alta qualidade em ambientes extremos e em condições desafiadoras. A combinação da força de adesão de um epóxi e a rapidez de aplicação de um cianoacrilato permite que o Loctite® 4090 apresente resistência a alto impacto e vibração, alta força de adesão em grande variedade de substratos - como metais e a maior parte de plásticos e borrachas -, resiste a temperaturas de até 150ºC e a umidade, além de preencher folgas de até 5 mm. O adesivo híbrido apresenta rápido tempo de fixação até mesmo em baixas temperaturas (5ºC), baixo Blooming (embranquecimento), boa resistência aos raios UV e fornece a versatilidade necessária para resolver grande parte dos desafios de projeto, montagem e reparação.

Outra solução que poderá ser vista no estande da Henkel é o sistema Loctite® Pipe Repair, inovadora solução de reparação para tubulações de aço como alternativa rápida e econômica à substituição da mesma e outros métodos de reparo tradicionais.

ARGUS PRODUTOS E SISTEMAS CONTA INCÊNDIO

A Argus estará presente na Fenasucro 2015. Em seu estande estarão em destaque a linha completa de LGE – Líquido Gerador de Espuma para combate a incêndio em líquidos inflamáveis; Esguichos e Canhões de última geração; Kit para combate a incêndios em canaviais (Classe A); Sistema automático de detecção e supressão de incêndio para máquinas colhedoras de cana; Sistema de detecção e alarme Notifier; Sistemas de detecção de chama e gases Honeywell; Equipamentos de combate a incêndio em líquidos inflamáveis e combustíveis de grande vazão; Sistemas de Proporcionamento de LGE; Câmaras de espuma, válvulas hidráulicas, colunas de hidrantes e válvulas angulares, entre outros.

ALIMENTADOR DE BAGAÇO “SHARK TEETH”

Shark Teeth é o mais novo lançamento da Caldema, para a alimentação de Bagaço, Palha de cana e outras biomassas. Ele é aplicável nas concepções das caldeiras modernas Caldema, e para projetos de caldeiras já existentes, inclusive de outros fabricantes.

O alimentador Shark Teeth evita o “encabelamento” do bagaço/palha nos rotores alimentadores, devido às pás serem serrilhadas e construídas em inox A410-D, evitando a interrupção da alimentação da caldeira, além de possuir maior durabilidade do material contra corrosão (cloro/enxofre) e abrasão (areia) devido às impurezas e partes verdes (folhas/pontas) encontradas no bagaço.

Possui Carcaça em chapas de inox SA 240 410-D parafusadas para facilitar a montagem e a manutenção sustentada por uma base metálica. Internamente tem 2 rotores dotados de dentes de tração construídos na própria chapa de inox e eixo em barra laminada SAE 1045, sustentados por mancais de rolamento. Em uma das extremidades dos eixos dos rotores serão fixadas as engrenagens de transmissão que estarão interligadas a um acoplamento com capa metálica de proteção entre alimentador e o acionamento. Seu acionamento é compacto de fácil instalação/adaptação e é composto por um motorredutor com potência de 5 HP e fator de serviço mínimo de 1,5; o acoplamento entre motorredutor e alimentador é flexível sem necessidade de lubrificação.

R$ 1Bilhão de investimentos em 60 obras na cidade

OS CORREDORES PREFERENCIAIS E AS CICLOVIAS SÃO ALGUMAS DELAS

A Prefeitura está implantando em Goiânia um plano de mobilidade de acordo com as principais cidades do mundo. O projeto, que já está em andamento, combina corredores preferenciais, ciclovias e o BRT Norte Sul. Com os corredores da T-7, da 85, da T-63, da 24 de Outubro e da Avenida Independência, as viagens ficarão cada vez mais rápidas.

Já as ciclovias vão ajudar a desafogar o trânsito com segurança e consciência ambiental.

CONHEÇA AS **60 OBRAS** QUE A PREFEITURA ESTÁ FAZENDO

ASSISTÊNCIA SOCIAL – Creas Chácara do Governador – Centro Pop Rua – Cras Real Conquista – Cras Vila Izaura – Nova sede do Condomínio Sol Nascente. **EDUCAÇÃO** – Cmei Jardins do Cerrado IV – Cmei Buena Vista III – Cmei Buena Vista IV - Cmei Residencial Mendanha – Cmei Center Ville – Cmei Mundo Novo 3 – Cmei Bairro Floresta – Cmei Parque Atheneu – Cmei Solar Ville – Cmei Grande Retiro – Cmei Jardim Real. **ESPORTE E LAZER** – Praça da Juventude Setor Jaó – Praça da Juventude Setor Novo Horizonte – Centro Esportivo do Jardim Guanabara II – Clube do Povo II – Praça Esportiva Jardins do Cerrado IV – Praça Esportiva Buena Vista III – Praça Esportiva Santa Fé – Praça Esportiva Tempo Novo – Praça Esportiva Itaipu – Praça Esportiva Orlando de Morais – Praça Esportiva Morada do Sol – Praça Esportiva Mariliza – Praça CEU Buena Vista – Praça CEU Jardins do Cerrado – Quadra Poliesportiva Oficial Bosque Botafogo – Pista de Skate Bosque Botafogo – Centro de Iniciação Esportiva (CIE) Jardins do Cerrado – Centro de Iniciação Esportiva (CIE) Buena Vista. **HABITAÇÃO** – Portal dos Ipês Pavimentação – Estação de Tratamento de Esgoto – ETE Buena Vista IV – Portal dos Ipês Apartamentos. **MEIO AMBIENTE** – Reurbanização do Córrego Cascavel com prolongamento da Marginal Cascavel – Reestruturação do Parque Cascavel – Programa Urbano Ambiental Macambira Anicuns. **MOBILIDADE** – BRT Norte-Sul – Corredor T-7 – Corredor 85 – Corredor T-63 – Corredor 24 de Outubro – Corredor Independência – Corredor T-9 – Prolongamento da Marginal Botafogo. **PAVIMENTAÇÃO** – Pavimentação do Jardins do Cerrado – Pavimentação do Orlando de Moraes – Pavimentação do Antônio Carlos Pires. **PRAÇAS** – Requalificação da Praça Cívica – Revitalização do Parque Otávio Lúcio. **SAÚDE** – UPA Noroeste – Ciams Urias Magalhães – Maternidade Oeste – Reforma do Centro de Saúde Vila Redenção – Centro de Saúde da Família Alto do Vale – Centro de Saúde da Família São Francisco – Centro de Saúde da Família Rodoviário.

PELA GRANDEZA DA PÁTRIA

PREFEITURA DE GOIÂNIA

BAYER

NATIVO

Seu braço forte contra as doenças da Cana.

Forte ação preventiva e residual.

Nativo é o fator de proteção essencial para todo produtor Canavieiro que busca produtividade. Sua eficácia abrange proteção prolongada nas folhas e no sulco de plantio, em diferentes variedades de Cana, o que auxilia no resultado da produção.

Nativo é o fungicida ideal para Cana.

- **Ampla proteção** para as folhas e toletes de plantio promovendo vigor para as plantas de Cana;
- **Ideal para gramíneas** devido ao seu efeito translaminar;
- **Resistente a lavagem** por chuvas prolongando o período de proteção;
- **Potencializa o efeito** de outros tratamentos para o sulco de plantio.

Nativo - Protege muito, contra mais doenças.

www.bayercropscience.com.br

ATENÇÃO
Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO.
VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRONÔMICO.

ANDEF ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE DEFESA VEGETAL

Faça o Manejo Integrado de Pragas. Descarte corretamente as embalagens e restos de produtos. Uso exclusivamente agrícola.

Converse Bayer 0800 011 5560

Bayer CropScience

Se é Bayer, é bom